

## **Investimento social não é fundo perdido**

*Silvia Torikachvili*

Todo empresário sabe que deve obter resultados de onde aplica dinheiro. Mas nem sempre é assim que funciona no caso do investimento social:

Ainda não temos a cultura da avaliação — lamenta Fernando Nogueira, gerente de projetos do Grupo de Institutos Fundações e Empresas (Gife). — Os empresários ficam constrangidos de cobrar resultados e até de acompanhar a trilha do investimento. Por falta de ferramentas ou por não conhecer a metodologia, a maioria confina seu investimento social na coluna do fundo perdido.

Não deveriam. O setor privado brasileiro investe cerca de R\$ 5 bilhões/ano em projetos sociais, segundo cálculos do Gife com base em estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2002. Os 112 membros do Gife contabilizam investimentos sociais próximos de R\$ 1 bilhão/ano. Recentemente, 80 responderam a uma pesquisa sobre monitoramento de programas, uma prática que não só mensura o impacto, mas permite correção de rumos. Resultado: 74% dizem que acompanham o desenrolar do projeto; 31% confessam desconhecer métodos de avaliação; 16% alegam baixa importância atribuída pela direção à atividade. Há outras dificuldades: falta de pessoal (48%), falta de tempo (43%), falta de recursos (27%).

O assunto é complexo, reconhece José Paulo Martins, diretor do Instituto Gerdau. Poucas instituições, segundo ele, têm um processo organizado de avaliação de resultados. No caso da Gerdau, o trabalho é feito com base em três avaliações: a observação dos colaboradores sobre o trabalho que se desenvolve nas comunidades; o resultado de uma pesquisa com os beneficiários, visando a determinar o alcance dos objetivos; e o ritmo do cumprimento do plano de ação. Mesmo assim, Martins não está satisfeito:

Ainda não determinamos o real impacto do projeto na comunidade como um todo — afirma.

Cerca de 70% dos empresários que fazem investimento social ainda estão ligados à tradição assistencialista. Lidam com os sintomas dos problemas sociais; aplicam em ações pontuais ou emergenciais e, em geral, são movidos por razões pessoais.

Esses investidores não têm fórmula para mensurar resultados; e também não acompanham o projeto para constatar se provocou ou não alguma transformação — avalia Nogueira, do Gife.

Para Sérgio Amoroso, presidente do Grupo Orsa, já é hora de os empresários exigirem retorno de qualidade do investimento social. Para ele, o contrário disso é desperdício de dinheiro. Só que, para exigir retorno, é preciso estar no comando de seus empreendimentos. E não é o que acontece segundo Amoroso. Para ilustrar a pouca importância dada ao investimento social, o empresário enumera três categorias de empreendedores: aqueles que fazem por convicção; os interessados apenas em visibilidade; e os que fazem de olho no marketing:

Deveríamos criar um ranking de investidores sociais e identificar quem utiliza capital próprio e quem se vale de benefícios oficiais — propõe Amoroso. — Quando a empresa aparece muito na mídia e não tem nada de seu caixa no projeto, o objetivo pode ser apenas marketing.

Há exceções. Uma parcela de 3% dos investidores, segundo a pesquisa do Gife em cruzamento com dados do Ipea, já mensura o retorno:

Essas empresas são exceção no quadro geral — observa Fernando Nogueira.

Outros investidores, cerca de 20% a 25%, que comandam empresas de vários tamanhos e segmentos, estão começando a se preocupar com o investimento e a monitorar os resultados mais de perto. São empresas que utilizam ferramentas de seu próprio negócio para montar um plano de avaliação.

Para ele, Só quando perceber a real importância, o empresário desenvolverá seus métodos:

Participando das etapas do projeto ele está trabalhando também pelo futuro do próprio negócio diz Luís Norberto Pascoal, presidente do grupo DPaschoal.

Wanda Engel, superintendente do Instituto Unibanco, concorda: investimento social deve ser controlado de perto, avaliado e confrontado com grupos que não tenham se beneficiado do programa.

No caso do Unibanco, Wanda espera superar a meta de qualificação no Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) dos quase 120 mil jovens que se beneficiam dos programas Entre Jovens e Jovem de Futuro, nos cinco estados onde são aplicados:

Se obtivermos esse ganho, significará que os jovens do programa concluíram os cursos sabendo ler, escrever, operar frações e interpretar texto.

Esses programas ainda não completaram dois anos, mas Wanda não perde as etapas de vista:

Já tivemos uma das escolas que descumpriu o plano de metas; não houve outra saída: retiramos do programa — disse ela.

No Banco Itaú, a metodologia de acompanhamento dos programas de educação consiste em transformar os resultados em quantidades monetárias, utilizando dados do IBGE de escolaridade ligados à renda:

Levamos em conta quanto a mais ganha o beneficiado quando permanece um ano a mais na escola. Isso é retorno econômico — diz Sérgio Werlang, vice-presidente da instituição. Se o objetivo do projeto não for atingido, são analisados os dados. — Ou localizamos o erro, ou concluímos que não funcionou.

Essa prática já fez com que dois projetos fossem descontinuados.

TORIKACHVILI, Sílvia. Investimento social não é fundo perdido. **Razão Social**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 14-15, out. 2008.